

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

LUMA GARCIA CAMARGO

UMA PROPOSTA DE VERSÃO COMENTADA DO CONTO INFANTIL “A ÁGUA E A  
ÁGUIA”, DE MIA COUTO

BAURU/SP

2021

LUMA GARCIA CAMARGO

UMA PROPOSTA DE VERSÃO COMENTADA DO CONTO INFANTIL “A ÁGUA E A  
ÁGUIA”, DE MIA COUTO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como parte dos requisitos  
para obtenção do título de bacharel em  
Letras - Tradutor - Centro Universitário  
Sagrado Coração.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Viana  
Belam

Coorientadora: Profa. Ma. Valéria Biondo

BAURU/SP

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBD

Camargo, Luma Garcia

C172p

Uma proposta de versão comentada do conto infantil "A Água e a Águia", de Mia Couto / Luma Garcia Camargo. -- 2021.

29f.

Orientadora: Prof.ª Drª. Patrícia Viana Belam

Coorientadora: Prof.ª Ma. Valéria Biondo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Tradutor) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Tradução Literária. 2. Literatura Infantil. 3. Versão 4."A Água e a Águia". 5. Procedimentos Tradutórios. I. Belam, Patrícia Viana. II. Biondo, Valéria. III. Título.

LUMA GARCIA CAMARGO

UMA PROPOSTA DE VERSÃO COMENTADA DO CONTO INFANTIL “A ÁGUA E A  
ÁGUIA”, DE MIA COUTO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como parte dos requisitos  
para obtenção do título de bacharel em  
Letras - Tradutor - Centro Universitário  
Sagrado Coração.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Patrícia Viana Belam  
Centro Universitário Sagrado Coração

---

Profa. Ma. Valéria Biondo  
Centro Universitário Sagrado Coração

---

Prof. Dr. Antônio Walter Ribeiro de Barros Júnior  
Centro Universitário Sagrado Coração

## **UMA PROPOSTA DE VERSÃO COMENTADA DO CONTO INFANTIL “A ÁGUA E A ÁGUIA”, DE MIA COUTO**

Luma Garcia Camargo<sup>1</sup>, Profa. Dra. Patrícia Viana Belam<sup>2</sup>, Profa. Ma. Valéria Biondo<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Área de Ciências Exatas, Humanas e Sociais/Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)  
– Bauru/Sp – contatolumacamargo@gmail.com

<sup>2</sup>Área de Ciências Exatas, Humanas e Sociais/Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)  
– Bauru/Sp – patricia.belam@unisagrado.edu.br

<sup>3</sup>Área de Ciências Exatas, Humanas e Sociais/Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)  
– Bauru/Sp – vbiondo@unisagrado.edu.br

### **RESUMO**

A presente pesquisa apresenta um recorte de quatro excertos retirados da proposta de versão, realizada pela pesquisadora, para o livro “A Água e a Águia”, de Mia Couto, publicado em 2019. O estudo possui o objetivo de propor uma versão do conto infantil, investigar as dificuldades envolvendo a versão de contos infantis e explicar como foram criadas as adaptações necessárias na tradução para a língua inglesa. A pesquisa é fundamentada nas teorias de perdas e ganhos e termos intraduzíveis de Bassnett (2002), nos procedimentos técnicos de tradução de Barbosa (2004) e nas concepções sobre tradução de literatura de Britto (2020). Foi possível concluir que os procedimentos mais utilizados foram a tradução literal e a adaptação, que, acompanhados da teoria de perda e ganho, possibilitam a abertura de portas para uma versão contextualizada na língua alvo, por mais que existam dificuldades e barreiras linguísticas.

Palavras-chave: Tradução Literária. Literatura Infantil. Versão. “A Água e a Águia”.

Procedimentos tradutórios.

## ABSTRACT

This research presents four excerpts taken from the proposed translation made by the researcher of the book “A Água e a Águia”, by Mia Couto, published in 2019. The study aims to propose a translation of the children's story, to investigate the difficulties involved in the children's story translation and to explain how the necessary adaptations in the translation into English were made. The research is based on Bassnett's (2002) theories of gains and losses and untranslatable terms, Barbosa's (2004) technical translation procedures, and Britto's (2020) conceptions of literary translation. It was possible to conclude that the most used procedures were literal translation and adaptation, which, together with the theory of gains and losses, opens the door to a contextualized version in the target language, despite the difficulties and linguistic barriers.

Keywords: Literary Translation. Children's literature. Inverse Translation. *A Água e a Águia*. Translation Procedures.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura – do latim, *littera* (letra) (SIGNIFICADOS), – é um dos elementos mais importantes dentro de uma cultura, e é através da tradução que ela pode ser difundida. Segundo o Dicio - Dicionário Online de Português, traduzir – do latim *traducere* – é definido como transpor um texto de uma língua para a outra, mas é necessário um conhecimento vasto para que essa ação se concretize, pois esse conhecimento se expande muito além da proficiência em uma segunda língua. É preciso entender os referenciais e particularidades de cada língua, possuir competências tradutórias que vão de linguísticas até culturais, para conseguir transpor não só as palavras, mas a ideia central do texto e a sua essência. Nesse sentido, para Zilly (1996), traduzir é:

interpretar rigorosa e integralmente o texto de partida, palavra por palavra, vírgula por vírgula, frase por frase, tem que revisar toda metáfora ou alusão, examinar sonoridade e ritmo, tem que entender exatos todos os espaços, relações de tempo, movimento, sentimentos, pensamentos imaginados. (ZILLY, 1996, p. 359, apud COLLIN, 1992)

Estudar sobre a literatura produzida para crianças e jovens não é fácil, mas é de extrema importância, já que, segundo José Nicolau Gregorin Filho: “Pensar nas crianças e na sua relação com os livros de literatura é pensar no futuro [...]” (2009, p. 09). Nesse tipo de gênero literário, observamos que existe uma construção de valores humanos que é manifestada – ou apresentada – de forma “infantil” no nível de manifestação textual, nível em que o leitor entra em contato com as personagens, com o tempo, o espaço e demais elementos textuais. Isso significa que os elementos estipulados pelos narradores possuem a finalidade de “parecer” (GREGORIN FILHO, 2009, p. 09), para que seja despertada uma maior curiosidade e intimidade com o leitor infantil. Esses traços são mais marcantes nas manifestações visuais do que nas manifestações textuais, por exemplo.

Nesse contexto, este estudo apresenta uma proposta de versão comentada para a língua inglesa do conto infantojuvenil “A Água e a Águia” (2019), do escritor moçambicano Mia Couto, pseudônimo de António Emílio Leite Couto, considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique, sendo o escritor moçambicano mais traduzido.

De acordo com o seu livro “A Água e a Águia”, publicado pela Companhia das Letrinhas, o autor nasceu em 1955, na Beira, Moçambique. Foi jornalista e professor, e é, nos dias de hoje, biólogo e escritor, com mais de trinta livros, entre prosa e poesia, possuindo uma obra literária bem extensa e diversificada. Seu romance “Terra Sonâmbula” é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX, além de que o autor recebeu uma série de prêmios literários, como o Prêmio Camões de 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa, e o *Neustadt Prize* de 2014. É membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

A escolha do conto “A Água e a Águia” (2019) justifica-se por ser uma história infantojuvenil que suscita debates sobre o meio ambiente, sua importância e o quão valiosa a água é como recurso básico e essencial, temas presentes também em outros contos infantojuvenis e ensaios escritos pelo autor, e que deveriam fazer parte da leitura lúdica e educativa das crianças. Além disso, foi observado que esse livro do autor não se encontra oficialmente na língua inglesa.

A sinopse do livro é a seguinte:

Em um tempo antes do nosso, as águias dominavam os céus e viviam em comunhão com a terra e a água. Com esta última, elas tinham uma relação ainda mais especial e, assim, nunca ficavam com sede. Até o dia em que parou de chover e, para evitar uma grande catástrofe, as águias recorreram ao próprio nome para criar água: tiraram o “i” dele, e assim a água voltou a surgir. (A Água e a Águia, 2019)

A letra “i” também é utilizada durante toda a história do livro, não só no contexto em que a palavra “águia” vira “água”, mas também existem brincadeiras com a letra “i”, sobre o que ela seria realmente, além de que outras palavras são escolhidas cuidadosamente e a possuem, etc. Segundo Fabricio Corsaletti (apud COUTO, 2019), autor da Companhia de Letrinhas, tradutor, poeta e colunista do jornal Folha de São Paulo, comentário presente na contracapa do próprio livro:

Neste delicadíssimo A água e a Águia, uma fábula poético-ecológica, em que as letras e as palavras são tão concretas quanto as montanhas e os rios, Mia Couto nos oferece uma visão da poesia e da natureza que não deixa margem para dúvidas: na sua origem, elas estavam entrelaçadas (CORSALETTI, apud COUTO, 2019)

A versão comentada desse livro pretende contribuir para os estudos da tradução literária, em especial da Literatura Infantojuvenil, através da análise de algumas questões culturais e linguísticas entre o texto de partida e o texto de chegada, descrevendo quais foram as dificuldades encontradas, por se tratar de literatura infantil, e possíveis escolhas ao traduzir, no caso, da língua portuguesa para a língua inglesa, também observando os procedimentos tradutórios que foram utilizados.

Dessa forma, buscou-se, neste trabalho, realizar uma versão do texto original, procurando manter características do autor/conto e realizando adaptações sempre que necessário. No amplo tema da literatura infantil, cuja tradução deve considerar características específicas dessa categoria de literatura, como aspectos linguísticos e culturais, faz-se necessário investigar as dificuldades envolvidas na tradução, assim como apontar quais os procedimentos tradutórios que foram julgados como mais adequados – e, portanto, sendo os mais utilizados na proposta.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 TRADUÇÃO LITERÁRIA**

Em 1970, iniciou-se a criação de um campo de estudo em tradução – em especial a tradução técnica – e a tradução literária era um ramo da literatura comparada (BRITTO, 2020, p. 19).

Nesta obra de Paulo Henriques Britto, chamada “*A Tradução Literária*”, em seu primeiro capítulo – “*Algumas considerações gerais*” –, o autor pontua alguns fatos interessantes a respeito de necessitarmos indiretamente das traduções, e como nos esquecemos desse fato. Isso porque, ao consumirmos uma obra não originária do nosso país – logo, estrangeira –, seja um filme, um livro, ou até mesmo um manual de instruções, aquele material precisou ser traduzido. Por mais que seja uma concepção simples, não é de conhecimento geral, caindo facilmente em esquecimento, como destaca Britto (2020, p. 11).

A tradução literária deve ser entendida como um processo criativo (CARVALHAL, 1993, p. 47) e, diferentemente do que muitos imaginam, não é uma tarefa mecânica que pode ser realizada somente com a utilização de um dicionário. Isso porque, além das questões tradutórias – como competências e particularidades

–, é impossível separá-la da cultura. Para que ocorra naturalidade ao lermos a obra, a intervenção humana se faz necessária, para que as melhores – e possíveis – escolhas sejam efetuadas na tradução.

Nesse sentido, na obra de Bassnett chamada *Translation Studies* (2002), a autora cita alguns casos de intraduzibilidade que ocorrem quando não há correspondência entre a língua de partida e a língua de chegada. Esse acontecimento é devido à diferença cultural entre essas línguas, quando há carência de um termo ou frase semelhantes. Um exemplo desse fato são as gírias, expressões idiomáticas etc, que, muitas vezes, só fazem sentido na língua de origem daquele termo ou frase. Isso também poderá ser observado na análise deste estudo, pois no livro há uma expressão idiomática tipicamente brasileira, além de outras situações específicas para as quais foi necessário criar adaptações para que fizessem sentido na língua inglesa. Neste trabalho também será utilizada a teoria de perda e ganho (BASSNETT, 2002), que afirma que, quando há uma perda linguística em uma tradução, também é possível solucioná-la através da contextualização da tradução, como no caso do procedimento tradutório de adaptação proposto por Barbosa (2002), que será apresentado posteriormente.

## 2.2 LITERATURA INFANTIL E SUA TRADUÇÃO

As origens da literatura para crianças remontam à época do Iluminismo, quando o nascimento de uma nova pedagogia situou a criança no centro dos interesses dos filósofos, suscitando a criação de produções especialmente concebidas em função do que se supunha fazer parte de suas necessidades afetivas e de suas capacidades intelectuais. O desenvolvimento desse novo gênero se efetivou à aura de correntes culturais e ideológicas que influenciaram toda a Europa e incitaram escritores de todos os países a compor, para as crianças, livros com finalidades pedagógicas (COLIN, 1992, p. 2-3).

De acordo com a *apresentação* da obra *O que é literatura infantil*, da autora Cademartori (2017, p. 02), a literatura infantil é uma necessidade pedagógica absoluta e, desde a escola primária, as atividades efetuadas incluem ler, escrever e contar. Mas o papel da literatura não é meramente paradidático, pois não só oferece elementos formativos na vida do ser humano – a criança que lê geralmente escreve

melhor, além de possuir um maior repertório que as demais –, mas também possibilita experiências de linguagem, sentidos e liberdades que só a leitura pode proporcionar.

É através da literatura infantil que a criança descobre um mundo diferente, que se transforma constantemente, que não é perfeito e possui diversas lições para serem aprendidas. Com a tradução dessa categoria de literatura, oferecemos um convite a essas crianças, para que elas aprendam novas e valiosas informações, sendo uma importantíssima ferramenta de linguagem, e é o tradutor que encaminha o leitor até esse novo mundo. O livro deve atender às necessidades da criança, ou seja, estimular a sua imaginação e curiosidade, divertir e educar (OLIVEIRA, 2005, p. 125).

Cademartori afirma que “a literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor” (2017, p. 08), já que a forma de comunicação escolhida para esse tipo de obra é desenvolvida para corresponder à possível faixa etária do público-alvo, sempre respeitando os interesses do mesmo. Ou seja, a experiência da criança é um fator de muita importância, devendo ser respeitada para que a obra consiga atingi-la, sempre pensando em quais figuras de linguagem, imagens, foco narrativo – entre outros – estão sendo utilizados para concretizar esse feito. Apesar disso, a autora também lembra que nem todos os livros infantis são feitos para que a criança se divirta ou aprenda lições de moral. Alguns livros tratam de assuntos com temas sociais importantes, como preconceito, diferença de classe ou sexuais, entre outros, trazendo uma produção adulta para uma criança, para que esses conceitos sejam adquiridos ainda na infância (2017, p. 10).

Segundo a autora, o gênero literário infantil e juvenil foi desenvolvido pelo escritor francês François de Salignac Fénelon, nascido em 1651. Ele defendia a ideia de que deveríamos proporcionar às crianças outras literaturas além das tradicionais. Na sua época, a literatura passada para as crianças se resumia em contar a vida dos santos e a história sagrada somente.

Sobre classificações, de acordo com Coelho (2000), existem as seguintes para se determinar alguns princípios de quais livros são considerados adequados para quais leitores: (1). pré-leitor, que é dividido em duas fases: primeira infância (a partir dos 3 meses) e segunda infância (a partir dos 2 ou 3 anos); (2). leitor iniciante (a partir dos 6 anos); (3). leitor em processo (a partir dos 8 anos); (4). leitor fluente (a partir dos 10 anos) e; (5). leitor crítico (a partir dos 12 anos). A autora afirma que

“a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ou ainda não descobriram que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra. Ou melhor, é a literatura – verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte.” COELHO (2000, p.15)

Pela leitura, a criança atravessa a linha tênue entre o mundo real e o mundo imaginário. Neste último, tudo pode acontecer, inclusive desejos, sonhos e incríveis aventuras, tudo isso representado por personagens e situações nas histórias. Fica claro, aqui, que a função do tradutor é mais do que importante. Afinal, como aproximar a criança da leitura? A tradução foi uma grande sustentação para a divulgação desse gênero literário, já que as primeiras obras nacionais eram traduções de contos estrangeiros, mas serviu como motivação para a criação de obras direcionadas para a nossa realidade.

No Brasil, a tradução da literatura infantil sempre foi presente. Monteiro Lobato, por exemplo, ao iniciar sua escrita para crianças em 1920, também trouxe consigo a atividade tradutória voltada a este público, com a tradução de *Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carrol, *Pinóquio*, de Collodi e demais obras que não tinham sido ainda traduzidos para o nosso idioma (DEBUS; TORRES, 2016). Lobato adaptava a história estrangeira, trazendo-a para a realidade do público-alvo brasileiro, o que facilitava a leitura e atingia um número muito grande de leitores.

Atualmente, a literatura infantil, como os demais tipos de literatura, está inserida em um sistema cultural (VERDOLINI, 2011). A sua tradução deve ser feita de maneira séria e responsável, mesmo que muitos diminuam essa categoria de leitura. Ainda segundo Verdolini (op.cit., p.14): “A literatura traduzida para o Brasil, em especial a de infantojuvenis, conquanto material bastante presente no país, ainda não se sortiu de estudos aprofundados quanto aos moldes, diretrizes e atores relacionados à sua tradução.”

Infelizmente, traduções com erros e provavelmente negligenciadas pelas próprias editoras “quanto à seleção de tradutores e/ou à revisão das obras traduzidas publicadas” (VERDOLINI, 2011, p. 14) são frequentes. O lucro é visado acima de qualquer aspecto, o que interfere diretamente na qualidade da obra final, que é deixada de lado. Enquanto a tradução não deixar de ser vista como um processo unicamente mecânico, mas sim como um processo cultural e criativo, existirão falhas

quanto à tradução, em especial a literatura infantil, que já é inferiorizada no mercado, ou considerada “menor” (2011, p. 02), quando, na realidade, é uma peça fundamental na infância de toda criança.

### **2.3 PROCEDIMENTOS TRADUTÓRIOS SEGUNDO HELOÍSA BARBOSA (2004)**

Em sua obra *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*, de 2004, Heloísa Barbosa busca determinar quais são os procedimentos tradutórios utilizados, focando principalmente em problemas e nas possíveis soluções que surgem diante do exercício da tradução.

De acordo com Barbosa (2004), a categorização desses procedimentos ocorre conforme o grau de antagonismo entre a Língua de Partida e a Língua de Chegada, que se dividem em quatro eixos: “1) convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo; 2) divergência do sistema linguístico; 3) divergência do estilo e 4) divergência da realidade extralinguística.”. O modelo da autora demonstra treze procedimentos técnicos, que são: a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência (que engloba o estrangeirismo, a transliteração, a aclimação e a transferência com explicação), a explicação, o decalque e a adaptação (BARBOSA, 2004).

No eixo 1, o tradutor pode escolher entre dois procedimentos: (1). tradução palavra-por-palavra, na qual o segmento textual se mantém na mesma categoria e ordem sintática tanto na Língua de Partida como na Língua de Chegada; e (2). tradução literal, em que a ordem semântica é seguida estritamente e a literalidade é o ponto chave, somente se adaptando às normas gramaticais – morfossintaxe – da Língua de Chegada.

Na situação 2, onde as divergências possuem relação com as organizações dos sistemas linguísticos, três procedimentos podem ser utilizados: (1). a transposição, em que o significado expresso na Língua de Partida por uma determinada categoria gramatical pode sofrer alterações na Língua de Chegada quanto à classe gramatical, sem que haja alteração no sentido; (2). a modulação, que é a reprodução do mesmo sentido através de um outro ponto de vista; (3). e a equivalência, que consiste na substituição do segmento da Língua de Partida por outro

na Língua de Chegada que não seria sua tradução literal, funcionando da mesma forma.

Na situação 3, na qual há divergência de estilo, existem quatro procedimentos tradutórios: (1). omissão vs. explicitação, em que o primeiro se refere à eliminação de termos que são desnecessários ou repetitivos – que não acarretem perda no texto – e o segundo é o contrário, ocorrendo a necessidade de acrescentar termos para o sentido do texto; (2) compensação, quando um recurso estilístico não pode ser reproduzido no mesmo ponto do texto e outro, de efeito semelhante, é utilizado como substituto, em outro ponto do texto; (3). reconstrução de períodos, em que um reagrupamento ou redistribuição de orações ou períodos ocorre na Língua de Chegada; (4). as melhorias, em que se corrigem, na Língua de Chegada, os erros que estão na Língua de Partida, não sendo possível ignorá-los.

E, por último, na 4ª e última divergência categoria, os procedimentos aos quais o tradutor pode recorrer são: (1). transferência, por meio da qual se acrescenta material textual da Língua de Partida na Língua de Chegada, e podem surgir nas seguintes formas – estrangeirismo, transliteração, aclimatação e estrangeirismo + explicação –; (2). explicação, em que o estrangeirismo é substituído por uma definição ou explicação; (3). decalque, que seria a tradução literal dos tipos frasais da Língua de Partida na Língua de Chegada; e adaptação, que ocorre quando toda a situação da Língua de Partida não existe na Língua de Chegada, existindo, assim, a necessidade de recriá-la, através de outra situação equivalente, na realidade extralinguística na Língua de Chegada.

Apresentadas as bases teóricas deste estudo, prosseguiremos com a explicitação de sua metodologia, seguida da análise e discussão dos dados.

### **3 METODOLOGIA**

Neste capítulo, apresentamos quais foram os caminhos metodológicos traçados durante esta pesquisa bibliográfica e de cunho qualitativo, uma proposta de versão em língua inglesa comentada do livro “A Água e a Águia”, de Mia Couto, realizada pela pesquisadora. Foram selecionados quatro excertos do livro em que foi utilizado o procedimento tradutório da adaptação, de Barbosa (2004), e estes foram analisados e as escolhas tradutórias explicadas. A transcrição completa da obra

original em língua portuguesa, e a versão completa em língua inglesa, encontram-se no Anexo 1 e no Apêndice 1, respectivamente.

O levantamento de dados desta pesquisa foi feito através da pesquisa bibliográfica, utilizando, principalmente, os livros *Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma nova proposta* (BARBOSA, 2004), *Translation Studies* (BASSNETT, 2002) e *Tradução Literária* (BRITTO, 2020).

Para a versão, foi utilizado o dicionário online bilíngue português-inglês *Cambridge Dictionary*, os dicionários monolíngues *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English* e *Collins English Dictionary*, na língua inglesa, e os dicionários Dicio e Priberam, na língua portuguesa. Em seguida, foi analisado um total de quatro excertos, na língua original e na versão para o inglês.

As análises foram feitas a partir da escolha de palavras ou expressões específicas, que não puderam ser traduzidas literalmente, apresentando importantes desafios na realização da versão para a língua inglesa, levando-se em conta o público-alvo – infantil –, a linguagem para esse público-alvo e a naturalidade dessa linguagem, como descreveremos a seguir.

#### 4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Após a versão do texto completo, observamos que o procedimento mais utilizado foi a tradução literal (BARBOSA, 2004). Contudo, também foi utilizado, em alguns excertos, o procedimento da adaptação – proposto pela mesma autora –, em que um novo contexto precisou ser criado, pensado dentro das possibilidades da história na língua inglesa. Esses excertos foram selecionados e divididos em quatro quadros contendo o excerto original na língua portuguesa e sua versão na língua inglesa, cujos termos destacados em negrito serão analisados e discutidos com embasamento nas teorias já discutidas anteriormente.

A seguir, analisaremos o primeiro excerto retirado do livro. Neste momento, a seca está tomando conta de todos.

##### Quadro 1: Excerto 1

###### Original

Cresceu e multiplicou-se a sede, adoeceram as árvores e os bichos. As

águias começaram a morrer e os corpos, já sem vida, tombavam dos céus, as penas arrancadas e varridas pelo vento. **Dava pena ver tanta pena.** Por todo o lado, as **plumas** eram folhas secas, desenhando um inesperado outono no ressequido chão.

### Versão

Thirst grew and multiplied, trees and animals got sick. The eagles began to die and the bodies, now lifeless, fell from the sky, their feathers plucked and swept away by the wind. **It was disheartening to see so much feathering.** Everywhere the **plumes** were dry leaves, drawing an unexpected autumn on the parched ground.

Fonte: elaborado pela autora.

No primeiro excerto, existe uma expressão tipicamente brasileira - “**dava pena**”, que significa, de acordo com o dicionário Priberam: “sentimento provocado por sofrimento alheio. Compaixão, dó, lástima.” Além da procura por uma expressão equivalente, também foi preciso pensar na rima que o autor fez no texto original - “**dava pena ver tanta pena**”. Para manter esse mesmo sentido e pensando em uma possível rima, optou-se pela sentença *It was disheartening to see so much feathering*, uma vez que *disheartening* significa, de acordo com o dicionário *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English: making you lose hope or confidence* (tradução literal = fazer você perder a esperança ou a confiança). Dessa forma, é um equivalente possível da nossa expressão “**dar pena**”. Para acompanhar essa escolha e manter com ela a rima, a segunda palavra selecionada foi *feathering*, que significa, conforme o dicionário *Collins English Dictionary: a covering of feathers; plumage*. (tradução literal = uma cobertura de penas; plumagem).

Observamos, portanto, após a análise da sentença “**Dava pena ver tanta pena**” e de suas alterações, que foi necessária sua adaptação (BARBOSA, 2004) para a versão em língua inglesa, a fim de atender à correspondência semântica e ao recurso da rima.

O motivo pelo qual não manteve-se o vocábulo logo a seguir para a palavra “plumas”, em que poderia ter-se mantido *feathers*, acompanhando a escolha anterior, é que o próprio autor no texto original utilizou duas palavras diferentes para se referir à mesma coisa: “**tanta pena**” e depois “**as plumas**”. Por essa razão, também manteve-se esse traço do autor, trazendo-se para a versão um recurso parecido e utilizando-se, portanto, o procedimento de tradução literal (Barbosa, 2004). Então, como já mencionado, optou-se por utilizar *feathering* para traduzir o 2º termo “**pena**”

em “**dava pena ver tanta pena**”, que contempla, acima de tudo, o contexto e a rima e, em seguida, foi utilizado *plumes*, que, segundo o dicionário *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*, significa: *a group of feathers* (tradução literal = um grupo de penas), que possui o mesmo significado.

A seguir, será feita a análise do 2º excerto, em que uma alteração significativa teve que ser feita no texto traduzido, por meio, novamente, do procedimento de adaptação, de Barbosa (2004), que ocorre quando toda a situação da Língua de Partida não existe na Língua de Chegada, existindo, assim, a necessidade de recriá-la, através de outra situação equivalente, na realidade extralinguística na Língua de Chegada.

## Quadro 2: Excerto 2

### Original

Até que a mais velha das águias decidiu enfrentar aquela desgraça. Eis o que ela fez: **foi ao seu nome e devorou a letra i**. De imediato, **a palavra águia se converteu em água**. E a ave bebeu daquela água. Aos poucos, todas as águias imitaram a mais velha e avidamente debicaram a letrinha **i que traziam nos seus nomes gravada**. E, assim, os grandes pássaros venceram a sede.

### Versão

When, finally the oldest of the eagles decided to face that disgrace. Here's what she did: **she went to the awaiting, she waited, and she became a waiter eagle. Just then, she devoured the letter i**. Immediately, **the word waiter became water**. And the bird drank from that water. Little by little, all the eagles imitated the oldest one and eagerly pecked the little letter **i that had been in their long wait**. And so the big birds overcame their thirst.

Fonte: elaborado pela autora.

No livro de Bassnett, *Translation Studies* (2002, p. 32), alguns casos de intraduzibilidade são citados e os motivos para acontecerem também são discutidos. Uma das razões mais comuns para que a intraduzibilidade ocorra é a diferença cultural entre as línguas. Por exemplo, existem expressões idiomáticas, gírias ou trocadilhos que devem ser adaptadas para que façam sentido na língua de chegada, tanto da língua inglesa para a língua portuguesa como vice-versa. Já a teoria de perda e ganho

de Bassnett diz que quando há a perda de um termo na língua de chegada abre-se a possibilidade para uma solução contextualizada para a tradução (BASSNETT, 2002).

Seguindo essa perspectiva, neste trecho, foi necessária a tradução com um jogo de palavras para manter o enredo em que a águia come a letra ‘i’ de seu nome para transformá-lo em “**água**”, o que é possível somente com a palavra *waiter* em inglês sendo transformada em *water*, também com a retirada da letra *i*. Essa modificação também se torna muito importante no restante da história, já que questionamentos acerca da letra ‘i’ são feitos, além de outras letras que fazem um jogo dentro do contexto da história.

Dessa maneira, a saída encontrada para evitar-se uma grande perda linguística que aconteceria caso a tradução fosse literal foi optar pela palavra *waiter*, que, além da tradução para “garçom”, também possui como definição, de acordo com o dicionário *Collins English Dictionary: a person who waits or awaits* (tradução literal = uma pessoa que espera ou aguarda). Com isso, uma adaptação (Barbosa, 2004) foi feita nas duas primeiras sentenças da língua portuguesa para a língua inglesa. Uma vez que, ao pensarmos no contexto e em como as águias tiveram que esperar pela água, através dessa adaptação do trecho “...**foi ao seu nome e devorou a letra i.**” para *she went to the awaiting, she waited, and she became a waiter eagle* (tradução literal = ela foi até a espera, ela esperou, e ela se tornou uma águia que espera), o sofrimento de sede pelas águias nessa espera é amplificado; afinal, quando se espera algo muito necessário, ou se passa uma necessidade como a sede ou a fome, os minutos viram horas.

Assim, a sentença *She went to the awaiting, she waited, and she became a waiter eagle* foi utilizada para indicar o contexto em que a palavra *waiter* seria utilizada. Pensando no leitor, que será uma criança ou um adulto narrando para uma criança, com esse contexto a mais criado em torno da palavra *waiter*, é possível criar uma melhor ambientação, para que a palavra não seja confundida com o seu sentido mais comum: “garçom”. Além disso, torna-se também amplificado o sentido da espera, além de existir um jogo de repetição entre as palavras *awaiting/waited/waiter*, criando-se um recurso estilístico e contemplando-se a afirmação de Cademartori (2017) de que a experiência da criança é um fator de muita importância, devendo ser respeitada para que a obra consiga atingi-la, sempre pensando em quais figuras de linguagem, imagens, foco narrativo – entre outros – estão sendo utilizados para concretizar esse feito.

Também foi utilizado o procedimento de adaptação na tradução para *the little letter i that had been in their long wait* do segmento original “**a letrinha i que traziam nos seus nomes gravada**”, pois foi preciso adequá-lo ao novo contexto criado anteriormente no mesmo parágrafo.

O excerto seguinte também necessitou de algumas adaptações para ser adequado a esse novo contexto criado anteriormente.

### Quadro 3: Excerto 3

Original
<p>A seca, contudo, prolongou-se e não se via nuvem no inteiro céu. Esgotados <b>os iis dos seus nomes</b>, as águias voltaram a enfrentar a sede.</p> <p>[...]</p> <p><b>Não sabiam que um rio nasce no r e deságua no o.</b> Entre a nascente e a foz deve haver uma vogal costurando princípio e fim. Elas não sabiam o alfabeto da Vida.</p>
Versão
<p>The drought, however, lasted and there was no cloud in the entire sky. Having exhausted <b>the iis of their wait</b>, the eagles again faced their thirst.</p> <p>[...]</p> <p><b>They didn't know that a river rises in the first r and flows into the final r.</b> Between the source and the mouth there must be a vowel i sewing the beginning and the end. They didn't know the alphabet of Life.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Neste trecho, foi necessário, assim como anteriormente já feito, adaptar (Barbosa, 2004) uma pequena parte da frase para que esta referencie o novo contexto criado como solução no excerto anterior (Excerto 2). “...**os iis dos seus nomes**” foi traduzido como *the iis of their wait* (tradução literal = os iis de sua espera).

Já o segmento “...**um rio nasce no r e deságua no o**” foi traduzido como *a river rises in the first r and flows into the final r* (tradução literal = um rio nasce no primeiro r e flui para o r final), mantendo-se o mesmo sentido que o original, e apenas adaptando-o (BARBOSA, 2004) à língua de chegada com o acréscimo dos termos *first* e *final* para fazer referência às duas letras *r* da palavra *river*. Assim, criou-se um

jogo com essa letra, pensando-se também em evitar confusões para que a leitura seja mais clara ao público-alvo infantil, o que vem ao encontro do pensamento de Cademartori (2017, p. 8) de que “a literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor”, já que a forma de comunicação escolhida para esse tipo de obra é desenvolvida para corresponder à possível faixa etária do público-alvo, sempre respeitando os interesses do mesmo.”

O quarto e último excerto necessitou de uma escolha de vocábulos cuidadosa para que o jogo de palavras continuasse presente.

#### Quadro 4: Excerto 4

##### Original

E foi tanta a voragem que, aos poucos, a água foi desaparecendo.

A gota se tornou grão e o rio inteiro ficou sem as magritas vogais. E a sede voltou a reinar naquele lugar. As aves pousaram no seu próprio cansaço e mantiveram-se caladas, como se velassem o seu próximo fim. **Não havia fio, nem rio, nem pio.**

##### Versão

And the maelstrom was so big that, little by little, the water disappeared.

The drop became grain and the entire river was left without the skinny vowels. And thirst again reigned in that place. The birds landed on their own weariness and kept silent, as if they were watching over their near end. **There was no wire, no river, no chirp.**

Fonte: elaborado pela autora.

Aqui, na tradução do segmento “Não havia fio, nem rio, nem pio” para *There was no wire, no river, no chirp*, todas as palavras escolhidas mantiveram o sentido do original, mas é importante destacar que foram escolhidas por carregarem a letra i, especialmente *chirp*, cujas primeiras sugestões do *Cambridge Dictionary* para a palavra “pio/piar” são: *tweet, cheep, hoot, chirp*. E, segundo o dicionário *Collins English Dictionary*, *chirp* é: *to make a characteristic short, sharp sound, as small birds and certain insects* (tradução literal = fazer um som característico curto e agudo, como pequenos pássaros e certos insetos), e, de acordo com o contexto da história, é uma palavra que se encaixa por mais que seja atribuída mais a aves de pequeno porte,

porque com todo esse cansaço e sentimento de derrota, poderíamos concluir que as aves mal conseguiam piar, ou seja, estavam sem forças.

Em seu livro *Translations Studies*, Bassnett (2002) apresenta a teoria de perda e ganho, segundo a qual quando existe uma perda de um termo na língua de chegada também pode existir uma solução contextualizada para a sua tradução. Nesse contexto, cabe destacar que, na tradução, apesar da impossibilidade (BASSNETT, 2002) da manutenção do ditongo “io” nas palavras “**fio**”, “**rio**” e “**pio**”, e do consequente recurso da rima das mesmas, nas palavras *wire*, *river* e *chirp*, ocorre, além da repetição do som vocálico “i”, também a repetição do som consonantal “r”, ocorrendo, portanto, as figuras de linguagem assonância e aliteração, respectivamente, recursos que configuram nos procedimentos tradutórios de adaptação e também de compensação, de acordo com a teoria de Barbosa (2004).

Concluídas a análise e a discussão dos dados desta pesquisa, teceremos, a seguir, nossas considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi realizar uma proposta de versão em língua inglesa do texto original de Mia Couto, “A Água e a Águia”, e explicar como foram criadas as adaptações necessárias na versão, mostrando os desafios enfrentados pelo tradutor literário ao se deparar com uma obra literária infantil sem versão prévia. O tradutor de uma obra infantil deve ter em consideração elementos textuais, expressões idiomáticas, a linguagem e o contexto para que o resultado final da tradução seja apropriado, em qualidade e para o público-alvo infantil.

Traduzir uma obra literária demanda tempo, esforço e dedicação, especialmente uma obra infantil, pois é preciso muita pesquisa e conhecimento não só sobre as línguas de partida e chegada, mas também de toda a questão envolvendo o público-alvo, em como trazer a criança leitora para aquele mundo mágico da leitura. No caso da obra de Mia Couto, um dos maiores desafios foram as palavras que não possuíam equivalência direta, demandando uma adaptação criativa por parte da tradutora pesquisadora.

Os resultados mostraram que o procedimento mais utilizado durante a versão do conto infantil foi, além da tradução literal – observada previamente durante todo o

processo da versão, a adaptação proposta por Barbosa (2004), acompanhado da teoria de perda e ganho de Bassnett (2002).

A relevância desta pesquisa se dá porque no amplo tema da literatura infantil, que envolve características específicas dessa categoria de literatura se faz necessário investigar as dificuldades e desafios assim como apontar quais os procedimentos tradutórios julgados como mais adequados, a fim de que a leitura seja mais fluida, criativa e prazerosa, atingindo as expectativas do público-alvo infantil.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, H.G. **Procedimentos Técnicos da Tradução**: Uma Nova Proposta. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BASSNETT, S. **Translation Studies**. 3. ed. New York, NY: Routledge, 2002.
- BRITTO, P. H. **Tradução Literária**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2020.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Editora Brasiliense, 2017.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **A tradução literária**. Organon 20 Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 7, n. 20 (1993). Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39381>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- CHIRP. In: Collins English Dictionary. HarperCollins Publishers. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/chirp>>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.
- COELHO, Nelly Novaes; **Literatura Infantil**: Teoria Análise Didática. Editora Moderna, 1º Ed. São Paulo, 2000.
- COLIN, M. La Littérature d'enfance et de jeunesse en France et en Italie au XIXe siècle: traductions et influences. In: Chroniques italiennes. v. 30, n. 2, p. 1-70, 1992, Disponível em: <<https://sflgc.org/bibliotheque/nieres-chevrel-isabelle-la-litterature-denfance-et-de-jeunesse-entre-la-voix-limage-et-lecrit/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- COUTO, Mia. **A Água e a Águia** / Mia Couto; [ilustrações] Danuta Wojciechowska – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- DEBUS, Eliane Santana Dias e TORRES, Marie-Hélène Catherine. **SOBRE A TRADUÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS**. Cadernos de Tradução [online]. 2016, v. 36, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n1p10>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FEATHERING. In: Collins English Dictionary. HarperCollins Publishers. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/feathering>>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

LITERATURA. In: SIGNIFICADOS. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/literatura/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **Leitura, literatura infantil e doutrinação da criança.** Cuiabá-MT: EUFMT, 2005.

PENA. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa, 2021. Acesso em: <<https://dicionario.priberam.org/pena>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PLUME. In: Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press, 1995. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/plume>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

TRADUZIR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/traduzir/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VERDOLINI, Thaís Helena Affonso. **Aspectos da tradução e da variação linguística na obra Captain Underpants (Capitão Cueca).** Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2335>>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

WAITER. In: Collins English Dictionary. HarperCollins Publishers. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/feathering>>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

ZILLY, Berthold. **Cadernos de tradução.** Santa Catarina: UFSC, 1996, vol.1.

## **ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DO LIVRO “A ÁGUA E A ÁGUIA, DE MIA COUTO (2019)**

### **Página 1**

Aconteceu quando não era ainda nenhuma vez. Sobre as altas montanhas, águias rodopiavam, donas do mundo. O voo das grandes aves tornava o céu ainda mais infinito. E o bater das asas era o único ponteiro do tempo.

### **Página 2**

No fundo do vale corria um rio, o único rio que molhava as margens do mundo. As águias roçavam o seu leito e as asas, como remos, faziam ondear a água. E era tanto voo que as águas ficavam leves, tão leves que, por vezes, se erguiam do chão. Era então que o rio disputava o reino dos pássaros.

### **Página 3**

Tudo fluía e se trocava, céu e terra, asa e casa, até que, certa vez, deixou de chover. Sem aviso, sem explicação: a chuva esqueceu-se de acontecer. As nuvens passavam grávidas, mas nenhuma gota se derramava por entre a areia seca. O rio emagreceu, tornou-se um fio. E o voo das águias não mais se espelhou nas águas.

### **Página 4**

Cresceu e multiplicou-se a sede, adoeceram as árvores e os bichos. As águias começaram a morrer e os corpos, já sem vida, tombavam dos céus, as penas arrancadas e varridas pelo vento. Dava pena ver tanta pena. Por todo o lado, as plumas eram folhas secas, desenhando um inesperado outono no ressequido chão.

### **Página 5**

Até que a mais velha das águias decidiu enfrentar aquela desgraça. Eis o que ela fez: foi ao seu nome e devorou a letra i. De imediato, a palavra águia se converteu em água. E a ave bebeu daquela água. Aos poucos, todas as águias imitaram a mais velha e avidamente debicaram a letrinha i que traziam nos seus nomes gravada. E, assim, os grandes pássaros venceram a sede.

### **Página 6**

A seca, contudo, prolongou-se e não se via nuvem no inteiro céu. Esgotados os iis dos seus nomes, as águias voltaram a enfrentar a sede. Foi então que as majestosas aves desceram das alturas para pousar em bandos junto às margens. E depois começaram a comer o i do próprio rio. As águias haviam se tornado gulosas de letras. Ingenuamente acreditavam que as letras as curavam de morrer. Bastava verem a cabeça do i a emergir das águas para se lançarem vorazes sobre o leite. Não sabiam que um rio nasce no r e deságua no o. Entre a nascente e a foz deve haver uma vogal costurando princípio e fim. Elas não sabiam o alfabeto da Vida.

### **Página 7**

E foi tanta a voragem que, aos poucos, a água foi desaparecendo. A gota se tornou grão e o rio inteiro ficou sem as magritas vogais. E a sede voltou a reinar naquele lugar. As aves pousaram no seu próprio cansaço e mantiveram-se caladas, como se velassem o seu próximo fim. Não havia fio, nem rio, nem pio.

### **Página 8**

Foi então que as mais velhas das águias juntou toda a comunidade e perguntou:

– Sabem o que é a letra i?

Uma disse: – É um pau espetado no abecedário.

Outra disse: – É um dançarino com um chapéu alto.

Cada bico, sua sentença. E ninguém escutava ninguém. A ave, que já era avó, pôs um ponto-final naquela adivinhação. E proferiu o seguinte: que a letra i era uma mulher carregando água à cabeça. O que as águias iriam fazer seria regurgitar essa mulher.

### **Página 9**

– Regurgitar? – perguntaram as aves em couro.

– Estamos abarrotadas de iis. Vamos devolvê-los ao rio – declarou a mais velha das águias, para logo anunciar: – Vou subir a montanha!

– Não, avó, não faça isso, que lhe faltam as forças!

Mas a ave não escutou nem pedidos nem conselhos. Escalou a escarpa, à força das afiadas garras. Deteve-se no cume e olhou o céu para se recordar de como já invejara o branco voo das nuvens. Olhou o rio que, lá no fundo, era triste, uma lembrança do que já fora. Então, de súbito, lançou-se no abismo, como se fosse o seu derradeiro voo. Enquanto se despenhava emitiu um longo e estridente grito:

– lllllllllllllllllllll!

### **Página 10**

E eram letrinhas, trêmulas e aflitas, costuradas umas nas outras como miçangas de um mesmo fio. Esses infundáveis iis foram tombando sobre o vale e o rio foi se achando, enchendo, inchando. Uma corrente de iis turbulenteou as margens e as águas se engravidaram de águas, em tantas e tontas ondas.

### **Página 11**

É por esta razão que ainda hoje as águias exibem o seu amplo voo sobre as montanhas. E soltam sobre os vales o seu lancinante piar. Os rios ondeiam radiantes porque sabem que, desse estridente canto, tombam letrinhas como gotas de chuva. Uns dizem que cada uma dessas letras é uma mulher carregando água sobre o corpo delgado. Os mais antigos dizem

que essas letrinhas são mais do que isso: são a caligrafia da Vida. A Terra aprendeu a ler muito antes de nascer o primeiro livro.

### **Página 11**

Mia Couto nasceu em 1955, na Beira, em Moçambique. Foi jornalista e professor, e é, atualmente, biólogo e escritor com mais de trinta livros entre prosa e poesia. Seu romance *Terra sonâmbula* é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Recebeu uma série de prêmios literários, entre eles o Prêmio Camões de 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa, e o Neustadt Prize de 2014. É membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

### **Página 12**

Danuta Wojciechowska nasceu em 1960, na cidade de Trois Rivières, no Québec, no Canadá. Filha de pai polonês e mãe suíça, cresceu num ambiente multicultural. Aos dezessete anos foi viver em Zurique, na Suíça, e formou-se em design de comunicação, e depois fez pós-graduação em educação artística, na Inglaterra. Atualmente mora em Lisboa, em Portugal, e, entre atividades e projetos, fundou a empresa Lupa Design, onde desenvolve trabalho criativo diversificado. Já recebeu, entre outros, o Prêmio Nacional de Ilustração de Portugal, em 2003, e a distinção Mulheres Criadoras de Cultura de Portugal, em 2014.

## **APÊNDICE 1 – VERSÃO EM LÍNGUA INGLESA COMPLETA DO LIVRO “A ÁGUA E A ÁGUIA”, DE MIA COUTO (2019), FEITA PELA AUTORA PESQUISADORA**

### **Page 1**

It happened when it wasn't yet. Over the high mountains, eagles whirled, masters of the world. The flight of great birds made the sky even more infinite. And the flapping of the wings was the only pointer to time.

### **Page 2**

At the bottom of the valley ran a river, the only river that wet the shores of the world. The eagles skimmed its bed and their wings, like oars, made the water ripple. And it was so much flight that the waters became light, so light that, at times, they rose from the ground. It was then that the river disputed the kingdom of the birds.

### **Page 3**

Everything flowed and changed, sky and earth, wing and house, until, once, it stopped raining. No warning, no explanation: the rain forgot to happen. The clouds passed pregnant, but not a drop spilled through the dry sand. The river thinned out, became a thread. And the flight of eagles was no longer mirrored in the waters.

### **Page 4**

Thirst grew and multiplied, trees and animals got sick. The eagles began to die and the bodies, now lifeless, fell from the sky, their feathers plucked and swept away by the wind. It was

disheartening to see so much feathering. Everywhere the plumes were dry leaves, drawing an unexpected autumn on the parched ground.

### **Page 5**

Until the oldest of the eagles decided to face that disgrace. Here's what she did: she went to the awaiting, she waited, and she became a waiter eagle. Just then, she devoured the letter i. Immediately, the word waiter became water. And the bird drank from that water. Little by little, all the eagles imitated the oldest one and eagerly pecked the little letter i that had been in their long wait. And so the great birds overcame their thirst.

### **Page 6**

The drought, however, lasted and there was no cloud in the entire sky. Having exhausted the iis of their wait, the eagles again faced their thirst. It was then that the majestic birds descended from the heights to land in flocks along the banks. And then they started to eat the i of the river itself. The eagles had become greedy for letters. They naively believed that the letters cured them of dying. All they had to do was see the i's head emerging from the waters to launch themselves voraciously over the riverbed. They didn't know that a river rises in the first r and flows into the final r. Between the source and the mouth there must be a vowel sewing the beginning and the end. They didn't know the alphabet of Life.

### **Page 7**

And the maelstrom was so great that, little by little, the water disappeared. The drop became grain and the entire river was left without the skinny vowels. And thirst returned to reign in that place. The birds alighted on their own weariness and kept silent, as if they were watching over their next end. There was no wire, no river, no chirp.

### **Page 8**

It was then that the oldest of the eagles gathered the entire community and asked:

– Do you know what the letter i is?

One said: – It's a stick stuck in the alphabet.

Another said: – It's a dancer in a top hat.

Each beak, its sentence. And nobody listened to anybody. The bird, who was already a grandmother, put an end to that riddle. And she said the following: that the letter i was a woman carrying water on her head. What the eagles would do is regurgitate this woman.

### **Page 9**

– Regurgitate? – asked the birds in unison.

– We're crammed with iis. Let's return them to the river - declared the oldest of the eagles, then announce: - I'm going up the mountain!

– No, Grandma, don't do that, you lack strength!

But the bird listened neither to requests nor advice. She climbed the escarpment by the force of her sharp claws. She stopped at the summit and looked up at the sky to remember how she had once envied the white flight of clouds. She looked at the river that, deep down, was sad, a reminder of what it once was. Then, suddenly, she launched herself into the abyss, as if it were her last flight. As she crashed she emitted a long, shrill cry:

### **Page 10**

And they were small letters, trembling and anxious, sewn together like beads of the same wire. These endless iis fell over the valley and the river found itself, filling, swelling. A current of iis turbulent the banks and the waters became pregnant with water, in so many dizzy waves.

### **Page 11**

It is for this reason that even today the eagles exhibit their wide flight over the mountains. And they release their piercing chirping over the valleys. The rivers ripple radiantly because they know that, from this shrill song, little letters fall like raindrops.

Some say that each of these letters is a woman carrying water over her thin body. The oldest people say that these little letters are more than that: they are the calligraphy of Life. Earth learned to read long before the first book was born.

### **Page 12**

Mia Couto was born in 1955, in Beira, Mozambique. He was a journalist and teacher, and is currently a biologist and writer with more than thirty books between prose and poetry. His novel *Terra somnambula* is considered one of the ten best African books of the 20th century. He has received a number of literary awards, including the 2013 Camões Prize, the most prestigious in the Portuguese language, and the 2014 Neustadt Prize. He is a corresponding member of the Academia Brasileira de Letras.

### **Page 13**

Danuta Wojciechowska was born in 1960 in the city of Trois Rivières, Québec, Canada. Daughter of a Polish father and a Swiss mother, she grew up in a multicultural environment. At seventeen she went to live in Zurich, Switzerland, and majored in communication design, and then graduated in art education in England. She currently lives in Lisbon, Portugal, and, among activities and projects, she founded the company Lupa Design, where she develops diversified creative work. She has already received, among others, the National Prize for Illustration of Portugal, in 2003, and the Women Creators of Culture of Portugal distinction, in 2014.